

**VIVÊNCIA E PRÁTICA NA SALA DE AULA:  
UM RELATO QUALITATIVO DE ENSINO E APRENDIZAGEM  
EXPERIENCE AND PRACTICE IN THE CLASSROOM:  
A QUALITATIVE REPORT OF TEACHING AND LEARNING**

ISSN: 2966-392X DOI: 10.29327/2423680.1.1-5

Andrea Marques Vanderlei Ferreira <sup>1</sup>  
Cristiano de Assis Silva <sup>2</sup>

**RESUMO**

**INTRODUÇÃO:** É comum pensar a educação em termos da relação entre ciência e tecnologia ou, por vezes, na relação entre teoria e prática. Se o casal ciência/tecnologia remete para um aspecto positiva e corretivo, o par teoria/prática remete sobretudo para uma perspectiva política e crítica. **PROBLEMA:** De que forma a experiência profissional pode ser impactada no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem do aluno? **OBJETIVO:** Relatar a experiência de professora em ambiente escolar. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, abordagem básica e enfoque descritivo, tecendo experiência e relato de vivência de professora idosa, aposentada, mas que continua em trabalho árduo com alfabetização e letramento na região metropolitana do Espírito Santo, Brasil. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A Escola é mais do que uma vivência e experiência, sendo mais do que um local de aprendizagem, é um ambiente onde a experiência e a vivência pessoal devem ser valorizadas tanto quanto os conhecimentos acadêmicos.

**PALAVRA-CHAVE:** Alfabetização. Letramento. Experiência.

**ABSTRACT**

**INTRODUCTION:** It is common to think of education in terms of the relationship between science and technology or, sometimes, the relationship between theory and practice. If the science/technology pair refers to a positive and corrective aspect, the theory/practice pair refers above all to a political and critical perspective. **PROBLEM:** How can professional experience impact on the development of the student's teaching-learning process? **OBJECTIVE:** To report on the experience of a teacher in a school environment. **METHODOLOGY:** This is a qualitative study with a basic approach and a descriptive approach, drawing on the experience and accounts of an elderly, retired teacher who continues to work hard with literacy in the metropolitan region of Espírito Santo, Brazil. **FINAL CONSIDERATIONS:** School is more than a place of learning, it is an environment where experience and personal experience should be valued as much as academic knowledge.

**KEYWORDS:** Literacy. Literacy. Experience.

<sup>1</sup> Professora Doutora do Curso de Medicina da Universidade Federal de Alagoas/UFAL, Doutorado em Química e Biotecnologia. Mestrado em Modelagem Computacional de Conhecimento pela UFAL. Especialização em Plantas medicinais: manejo, uso e manipulação - UFLA. Graduação em Farmácia pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió, CESMAC. **E-MAIL:** deadoutorado@hotmail.com. **CURRÍCULO LATTES:** //lattes.cnpq.br/5455567894430418

<sup>2</sup> Autor do Livro: A Merenda que Educa. Especialista em Docência Superior pela FLC. Especialista em Saúde Coletiva pela FMS. Licenciatura em Ciências Biológicas pelo IFES. Bacharel em Nutrição pela FSV. **E-MAIL:** cristiano.wc32@gmail.com. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/7723981451094769.- **ORCID:** orcid.org/0000-0001-9143-4848

## INTRODUÇÃO

É comum pensar a educação em termos da relação entre ciência e tecnologia ou, por vezes, na relação entre teoria e prática. Se o casal ciência/tecnologia remete para um aspecto positivo e corretivo, o par teoria/prática remete sobretudo para uma perspectiva política e crítica.

Na verdade, apenas neste último ponto de vista, a palavra “reflexão” e expressões como “reflexão crítica”, “reflexão sobre a prática ou não prática”, “reflexão emancipatória” etc. Se na primeira alternativa as pessoas que trabalham na educação são concebidas como sujeitos técnicos que aplicam de forma mais ou menos eficaz as diversas tecnologias educacionais produzidas por cientistas, técnicos e especialistas, na segunda alternativa essas mesmas pessoas aparecem como sujeitos críticos, que, munidos de vários reflexivos. estratégias, engajam-se, com maior ou menor sucesso, em práticas educativas pensadas na maioria das vezes a partir de uma perspectiva política. Tudo isto se sabe, pois nas últimas décadas o campo da educação esteve dividido entre os chamados técnicos e os chamados críticos, entre os que defendem a educação como ciência aplicada e os que apoiam a educação como prática política.

A educação em qualquer lugar, como técnica aplicada, como prática reflexiva ou como experiência significativa, não é apenas uma questão de terminologia. As palavras com as quais nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que apenas palavras. E assim as batalhas pelas palavras, pelo significado e controle das palavras, pela imposição de algumas palavras e pelo silenciamento ou silenciamento de outras palavras, são batalhas em que há algo mais do que apenas palavras, algo mais do que apenas palavras.

## PROBLEMA

De que forma a experiência profissional pode ser impactada no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem do aluno?

## OBJETIVO

Relatar a experiência de professora em ambiente escolar.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, abordagem básica e enfoque descritivo, tecendo experiência e relato de vivência de professora idosa, 62 anos, aposentada, mas que continua em trabalho árduo com alfabetização e letramento em turno vespertino, escola de área urbana na região metropolitana do Espírito Santo, Brasil.

## REFERENCIAL TEÓRICO

No entender de Larrosa (2004), com o predomínio dessa racionalidade científica que igualou a experiência ao experimento, a linguagem da experiência foi eliminada ou, quando existe, é tratada como uma linguagem de segunda classe, como algo de pouco valor, por ser da ordem do inexato e da opacidade inerente à vida que escapa ao cálculo e à quantificação.

No âmbito das nossas práticas educativas, segundo Bárcena (2005), não é difícil identificar que temos dado particular ênfase ao saber-fazer e pouca atenção à experiência do saber-expressar, enquanto uma maneira de nomear o que se faz e de recriá-lo. O saber-fazer tem assumido o protagonismo em nossas instituições de ensino, concebido exclusivamente como processo de escolarização e instrumentalização para as demandas do mercado.

A prática pedagógica, aqui pensada como práxis, requer uma capacidade de julgar que não deriva de uma consciência que antevê os fatos e a experiência, mas que

deriva da sensibilidade do educador em distinguir um sentido, onde o entendimento não o alcança. Assim, para Bárcena (2005, p. 181), “o juízo pedagógico seria uma faculdade estética, um elemento sensível que, dentro da ação, nos ajuda a ver o que fazemos.”

Em Heidegger (1987) encontramos uma definição de experiência em que soam muito bem essa exposição, essa receptividade, essa abertura, assim como essas duas dimensões de travessia e perigo que acabamos de destacar:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em "fazer" uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (p. 143)

No Brasil, a alfabetização está começando a transformar por volta do ano de 1980, conforme descrito e relatado por Mendonça 2007, nesse período, as práticas sociais de leitura e a escrita assume a natureza de um problema relevante no contexto de observar que a população, embora instruída, não possui habilidades de leitura e escrita necessária para a participação efetiva em práticas sociais e profissionais que incluam essas habilidades.

Segundo Soares (2003, p. 31) “[...] por uma perspectiva mais limitada, a alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar alfabético, sendo necessário alfabetizar letrando, de forma que a criança possa ler e escrever e também apropriar-se de habilidades, para usar socialmente a leitura e a escrita”. Para a autora, o letramento traz consequências sociais, culturais,

políticas e econômicas, tanto no âmbito coletivo, quanto no individual.

A alfabetização, na perspectiva freireana, é perceptível abertamente em seu procedimento e suas práticas. No decorrer da alfabetização, ao alcançar este método, podemos analisar a letra e sua aparência, como um conjunto que dificilmente dissocia alfabetização de letramento. Para Freire (2005), quando a alfabetização é tomada como uma aprendizagem de leitura e escrita de “forma ingênua” e tradicional, ela não observa princípios básicos e essenciais da educação, como uma prática necessária, que sirva para o aprendizado e desenvolvimento não para a impossibilidade de prosseguimento no conhecimento, pelo uso de leitura e escrita.

Segundo Pinto (1989, p. 61), o letramento tradicional pode ter como foco o acesso a várias fontes escritas e valoriza apenas aquele que lê e escreve e, aos que não têm acesso a esses processos, “desconsidera-os, como iletrados, incultos, pessoas ignorantes absolutas”. Paulo Freire (2005) ultrapassa essa noção de letramento e demonstra que mesmo pessoas com pouco acesso à leitura possuem conhecimento da linguagem e letramento de vida em uma perspectiva construtivista.

Em uma concepção política, o letramento se torna a leitura de mundo; por ela, qualquer homem tem um letramento e sabe alguma coisa. De acordo com Tfouni (1995) deve-se valorizar o saber de acordo com os aspectos sócio-históricos do homem: “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo 7 Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 7, número 26, junho de 2017. [www.faceq.edu.br/regs](http://www.faceq.edu.br/regs) de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade”. Assim, observa-se um método não como simples técnica de aprendizagem de leitura e escrita, mas como a totalidade que ultrapassa estes e muitos outros aspectos do que vem a ser letramento.

O letramento ideológico não se trata simplesmente de aspectos da cultura letrada, mas estruturas de poder da sociedade, e Paulo Freire foca nas lutas sociais, educação como prática de liberdade, alfabetização e letramento que ultrapassem as práticas sociais e as relações de poder. (STREET apud KLEIMAN, 1995.)

Por acreditarem que a criança busca a aprendizagem na medida em que constrói o raciocínio lógico e que busca o processo de desenvolvimento evolutivo de aprender a ler e escrever passa por níveis de conceitualização que revelam as autoras, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999)

Se o professor entender o processo de seu aluno, respeitando a ludicidade peculiar à faixa etária, pode desenvolver palavras geradoras que agucem o olhar crítico do aluno no tocante a diferentes aspectos da realidade, como, por exemplo, necessidade e medidas para alimentação correta, preservação da natureza, higiene pessoal, brincadeiras de risco, escola, respeito e cuidados com animais e tornar a aprendizagem prazerosa e eficiente. Sendo assim, cabe ao professor entender e se aprofundar nessa forma de alfabetização para que seu aluno tenha uma aprendizagem significativa, que venha a ler e a escrever com criticidade e autonomia, que saiba o que se está fazendo e que a passividade seja realmente eliminada da vida escolar.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cada canto da escola sempre contará uma história. Os murais vibrantes nos corredores, pintados por alunos e professores, equipe técnica, retratavam não apenas figuras históricas, mas também momentos significativos da vida dos estudantes. Era um testemunho da filosofia da escola: aprender não apenas através dos livros, mas também da própria vida.

Cada estudante, com um fascínio que transborda para suas anotações detalhadas e desenhos

meticulosos, suas escritas, sua atenção, seu carinho e seu encanto pela descoberta.

Muitas vezes os alunos conseguem ter a percepção de que as aulas eram rígidas e focadas em teorias distantes da realidade que ele via diariamente em seu entorno, ou será que em momentos fantasiávamos algo, mas que na verdade a teoria servirá em breve no futuro próximo servirá e contribuirá para uma realidade prática na vida.

Uma professora apaixonada pela educação, hoje idosa, aposentada mas ainda continua lecionando em escola na região metropolitana do Espírito Santo, encantada pela alfabetização que sempre foi sua paixão, ela relata que em sua trajetória na educação é um marco em sua vida, alfabetizar é um dom, quando um aluno consegue escrever as primeiras letras, consegue juntar as primeiras sílabas, ler as primeiras palavras, juntar as primeiras frases, fazer seus desenhos e escrever as primeiras cartinhas ao professor é mágico, faz me sentir que nesse mundo consegui cumprir minha missão, esses valores nunca terão dinheiro que pagarão esse prazer e essa satisfação do dever cumprido.

Quantos alunos alfabetizei, não posso nem fazer ideia, quantos já reencontrei e me abraçaram dizendo professora te amo, a senhora me ensina a ler e escrever jamais esquecerei disso, professora a senhora faz parte da minha vida.

Cada dia, cada manhã ou cada tarde na Escola sempre começávamos com oração, recebendo meus pequenos alunos com abraços calorosos e palavras encorajadoras. Claro que sabia que cada criança trazia consigo uma história única e um potencial ainda não descoberto, alguns problemas familiares, sociais ou internos mesmos, mas mesmo assim sabia que o futuro deles também dependiam do meu profissional e que poderia contribuir e muito para que tivessem uma melhora na qualidade de vida ou em qualquer questão que a vida pudesse oferecer.

Muitos alunos sempre possuirão dificuldades com a formação das letras e a associação de sons às

palavras. Mas não podemos desistir pois cada aluno é um aluno. Com paciência infinita e estratégias criativas, como jogos interativos e histórias ilustradas, músicas, danças, eventos encontrávamos maneiras de envolver todo e qualquer aluno ao processo ensino aprendido de maneira que se sentisse seguros e motivados.

A educação e o processo ensino aprendizagem não poderão ser algo engessado, não poderá ser limitada às quatro paredes da sala de aula. Incentivar a curiosidade do aluno e explorar o mundo ao redor, utilizar de todas as ferramentas inerentes a educação para desenvolver o processo ensino aprendizagem é válido para que o aluno possa aprender e desenvolver-se, tudo vale por uma educação e um desenvolvimento de um aluno, afinal a base da educação e de qualquer fundamento na educação é a alfabetização e o letramento, a leitura e a escrita.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola é mais do que uma vivência e experiência, sendo mais do que um local de aprendizagem, é um ambiente onde a experiência e a vivência pessoal devem ser valorizadas tanto quanto os conhecimentos acadêmicos. O processo de alfabetização se dá por meio da mediação entre a criança e a criança linguagem escrita, a mediação do professor é essencial, pois é ele quem pode ajudar e auxiliar seus alunos, seja para parar ou acelerar uma explicação; eu vou adicionar planejamento inicial, se necessário; em expansão ou incerto os aspectos trabalhados; oferecer atividades adequadas ao nível de aprendizagem dos alunos estudantes ou até mesmos em situações inerentes ao seu dia a dia. Para que o aluno avance em seu processo de aprendizagem precisamos iniciar o nível de conhecimento que ele possui para levá-lo a um nível mais alto de conhecimento largo e isso é feito para diagnosticar, individualmente, o nível em que cada aluno se encontra encontrar, oferecer atividades mais

adequadas para cada grupo de alunos, para que todo o avanço no processo de construção da linguagem escrita.

### REFERÊNCIAS

BÁRCENA, Fernando. **La experiencia reflexiva em educación**. 1. ed. Barcelona: Paidós, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

HEIDEGGER, Martin, (1987). **La esencia del habla**. In: \_\_\_\_\_. *De camino al habla*. Barcelona: Ediciones del Serbal.

KLEIMAN, Angela B. (Org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LARROSA, Jorge. **Algunas notas sobre experiencia y sus lenguajes**. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MENDONÇA, O. S. **A eficiência do método sociolinguístico de alfabetização**. Presidente Prudente: Editora da Unesp, 2007.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de jovens e adultos**. São Paulo: Cortez, 1989.

SOARES, M. **A reinvenção da alfabetização**. *Presença pedagógica*. Belo Horizonte, v. 9, n. 52, jul./ago, p. 15-21, 2003.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.